

DANÇA NA EDUCAÇÃO - ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SER

Vanessa Matos – anatomopoesia@gmail.com

Gente é como nuvem, sempre se transforma.

(Angel Vianna)

1 - O CORPO SENTE E PERCEBE - FUNÇÕES DO SISTEMA NERVOSO

Durante a maior parte da nossa existência não nos damos conta do nosso corpo. Muita coisa acontece com ele minuto a minuto, mas só as mais significativas são registradas pela consciência, porque como a nossa atenção, geralmente, está voltada para outros aspectos do ambiente, nosso corpo passa despercebido. No entanto, embora a consciência não se dê conta de tudo, o sistema nervoso recebe e processa continuamente todas as informações sobre a posição e movimento das partes do corpo, do corpo como um todo, sobre o estado de nossas vísceras, a textura, forma e temperatura dos objetos que tocamos, assim como sobre a integridade dos nossos tecidos. Essas informações são selecionadas, filtradas e encaminhadas a diferentes regiões neurais, que as vão utilizar de diversas maneiras. A parte que atingirá a consciência servirá para orientar o comportamento e o raciocínio, podendo ser armazenada na memória para utilização posterior. A parte inconsciente servirá para coordenar os nossos movimentos de modo a manter a postura e o equilíbrio postural, e para ajustar o funcionamento dos órgãos e das vísceras de acordo com as necessidades fisiológicas (LENT, 2005, p. 211).

O sistema nervoso central é bem guardado no interior da caixa craniana e da coluna vertebral, abrindo-se à flor da pele, dos olhos, ouvidos, narinas, boca, esfíncteres. Nossos sentidos nos colocam em contato com o mundo, gerando simultaneamente sensação, movimento, percepção e expressão. Todos os sentidos são requisitados e vivenciados no cotidiano.

A pele é o maior órgão do sentido somestésico e reveste todo o corpo. A estrutura histológica é dotada de múltiplos receptores que atuam por meio dos nervos sensitivos, detectando e recolhendo informações dos estímulos bioelétricos do meio ambiente. Sua função é proteger, captar informações do meio, conectar simultaneamente o espaço interno e externo - o eu e o outro.

De acordo com Lent (2005) Somestesia (palavra derivada do latim - *Soma* quer dizer corpo. *Aesthesia* - significa sensibilidade) é a capacidade que as pessoas e os animais possuem de receber um amplo conjunto de informações provenientes

de diferentes partes do corpo. Modalidade sensorial constituída de submodalidades principais: tato, propriocepção, termossensibilidade e dor.

Tato é a percepção das características dos objetos que tocam a pele. Propriocepção, a capacidade de se distinguir a posição estática e dinâmica do corpo e suas partes. Termossensibilidade, a capacidade de se perceber a temperatura do ar e dos objetos. Dor, a capacidade de se identificar estímulos muito fortes potenciais ou reais, causados por lesões nos tecidos.

Os sentidos correspondem à tradução para a linguagem neural das diversas formas de energia contidas no ambiente, o que torna possível classificá-los de acordo com essas formas de energia. Assim, em termos técnicos, os sentidos são chamados modalidades sensoriais, aceitando-se geralmente a existência de cinco: visão, audição, somestesia (que o senso comum chama impropriamente de tato), gustação ou paladar e olfação ou olfato. Essa classificação diz respeito apenas às modalidades que se transformam em percepção, excluindo aquelas que geralmente não atingem a consciência, servindo apenas ao controle motor e das funções orgânicas (LENT, 2005, p. 170).

Sensações são os sinais do meio ambiente, captados pelos receptores sensíveis de todo o corpo - os dermatômos - e interpretados no encéfalo. Os dermatômos são a inervação somestésica existente em toda área da superfície corporal. Os segmentos medulares se diferem pelos dermatômos. As sensações experimentadas compõe objetiva e subjetivamente o corpo.

No corpo humano o sistema nervoso é sensitivo e motor. Por exemplo, sentir que a mão está queimando na chapa quente e retirá-la. A ação do reflexo flexor de retirada é uma resposta automática motora a um estímulo sensorial. De acordo com Lent (2005) a motricidade é a expressão do comportamento e o mais nítido resultado da consciência humana.

No homem a motricidade assumiu grande complexidade, uma vez que as mãos se tornaram menos dependentes das necessidades posturais, podendo assim ser utilizadas para diversos fins, em especial para a confecção de utensílios e instrumentos. Além disso, associaram-se funcionalmente ao rosto para operar um sofisticado sistema de comunicação e expressão de ideias e sentimentos. Mas os movimentos não dependem apenas dos músculos, como se poderia pensar. São o resultado de complexos processos de programação, comando e controle que envolvem diversas regiões cerebrais e terminam na contração das fibras musculares. Esse conjunto neuromuscular é conhecido como sistema motor (LENT, 2005, p.343).

O movimento é comandado pelo sistema neuromuscular, composto por sequências complexas que associam movimentos voluntários, ações involuntárias, movimentos de equilíbrio corporal, atos de locomoção e movimentos oculares de estabilização da imagem, através de olhares de busca de alvos distantes.

O corpo humano é dotado de dois grandes centros motores: o sistema nervoso central que, dentro do esqueleto axial, expande-se em direção ao esqueleto apendicular onde encontramos o sistema nervoso periférico. O neuro eixo é composto pelas partes encefálica, medular e o cerebelo. A parte encefálica (telencéfalo + diencéfalo = cérebro) é o centro da cognição responsável pela aprendizagem. A parte sub-cortical (tronco encefálico e medula) é a parte mais primitiva, responsável pelos movimentos reflexos e armazenamento da memória encefálica (engrama). O cerebelo é responsável pela manutenção do equilíbrio, tônus muscular e aprendizagem motora.

Cada ser humano é dotado de um corpo singular com o qual vive as suas experiências, formando o seu próprio engrama neuromotor, ou seja, o seu repertório de movimentos usados no dia-a-dia. O engrama é formado durante as interações do corpo pelo movimento nas experiências com o meio (desenvolvimento, relações com a família, sociedade, cultura, necessidades, desejos).

Posteriormente, o repertório de movimentos aprendido pelo córtex, o engrama, é armazenado na memória encefálica, que se localiza no subcórtex, na parte mais primitiva do encéfalo. O repertório neuro-motor automático, o engrama armazenado na memória encefálica, é a matriz de onde provêm todas as respostas automatizadas do movimento cotidiano, constituindo o repertório de movimentos e habilidades sensíveis e motoras que interagem, comandando as atividades diárias conscientes e inconscientes.

A percepção começa quando uma forma qualquer de energia incide sobre as interfaces entre o corpo e o ambiente, sejam elas externas ou internas. Nessas interfaces se localizam células especiais capazes de traduzir a linguagem do ambiente para a linguagem do sistema nervoso: os receptores sensoriais. São eles que definem o que comumente chamamos de sentidos: visão, audição, sensibilidade corporal, olfação e gustação. Mas nosso cérebro é capaz de sentir muito mais – consciente e inconscientemente do que esses cinco sentidos clássicos permitem supor. Ele detecta alterações sutis da posição do corpo quando nem nos damos conta disso, mudanças

sutis da pressão, composição e temperatura do sangue que jamais chegam à nossa consciência, imperceptíveis movimentos viscerais (LENT, 2005, p. 168).

De acordo com Lent (2005) duas pessoas não percebem o mundo da mesma forma com relação uma a outra e em relação consigo própria, nas diferentes fases da vida. No decorrer do tempo, percebem o mesmo objeto - por exemplo, a música - de forma diferente. A razão neuronal atesta que apesar da anatomia e fisiologia dos neurônios serem teoricamente os mesmos, eles desenvolvem capacidade de ação diferenciada nas pessoas, tanto em comparação umas com as outras, quanto em comparação a sua própria estrutura no decorrer da vida.

A capacidade de ação perceptiva é a soma de todas as influências ambientais, experiências vividas, bioquímica fisiológica e psicológica, vivenciadas pela singularidade de cada corpo. Este corpo, em algum momento ao longo da sua vida, entrará em contato com estados emocionais, níveis de consciência, saúde, doença, diferentes estímulos. Por isso, na ação da percepção há sempre diferença de pessoa para pessoa, por mais que se aborde o mesmo objeto.

O corpo humano vive em constante plasticidade, sendo afetado, transformado resignificado e reelaborado em decorrência do contato com as múltiplas informações veiculadas pelos sentidos que “provam” o mundo e provocam diferentes percepções. Assim, constituem a maleabilidade e a permeabilidade, inerentes ao movimento complexo que perpassa o corpo, movimentando-o subjetiva e objetivamente o tempo todo.

Sensação é a capacidade que os animais apresentam de codificar certos aspectos da energia física e química que os circunda, representando-os como impulsos nervosos capazes de ser “compreendidos” pelos neurônios. A sensação permite a existência dos sentidos, ou seja, as diferentes modalidades sensoriais que advêm da tradução pelo sistema nervoso das diferentes formas de energia existentes no ambiente. A energia luminosa, por exemplo, em certas condições dá origem ao sentido da visão. A energia mecânica vibratória pode originar o sentido da audição, mas pode também se transformar em tato ou mesmo em dor. Sistemas sensoriais, então representam os conjuntos de regiões, do sistema nervoso, conectadas entre si, cuja função é possibilitar as sensações. Percepção é um tanto diferente. Trata-se da capacidade que alguns animais apresentam – nem todos – de vincular os sentidos a outros aspectos da existência, como o comportamento, no caso dos animais em geral, e o pensamento no caso dos seres humanos (LENT, 2005, p.169).

Os sentidos nos permitem detectar os estímulos anátomofisiologicamente, captados pelos devidos receptores. A percepção identifica os estímulos e nos leva a apreciá-lo ou não. Leva-nos a associá-los a alguma memória vivenciada em algum lugar do passado, a lembrar, agir, somatizar, elaborar. A percepção apresenta um nível de complexidade superior a sensação, ultrapassando os limites estruturais dos sistemas sensoriais e envolvendo outras partes do sistema nervoso de funções não-sensoriais. A sensação tem como consequência a percepção que, por sua vez, não é completamente disponível para a nossa consciência, pois passa pelo filtro da atenção, emoção, sono - dentre outros.

A percepção é um instrumento capaz de aproximar a pessoa de si mesma, localizá-la dentro do seu próprio corpo, incentivá-la a perceber que tem um corpo e que ele é a nossa primeira morada, o nosso instrumento e veículo da vida. É por meio dele que nascemos, vivemos (amamos, brincamos, trabalhamos, aprendemos) e morremos.

A sofisticação do sistema nervoso humano é capaz de sentir, conhecer, pensar, identificar, apreciar, lembrar, diferenciar, aprender, criar, imaginar, sonhar, transformar, resignificar e elaborar, por meio da percepção, o dentro/fora, o toque, a tridimensionalidade, o tamanho do corpo. Os diferentes tecidos que o formam - ossos, carne, pele, órgãos, articulações. Da mesma forma, a pulsação na circulação, as emoções, os sonhos, os pensamentos, o raciocínio, a memória, a voz, a expressão, a sensibilidade, a intuição, a criatividade, o lúdico, as atitudes - no fluxo de energia que circula e integra cada uma dessas estruturas materiais e imateriais.

A percepção pode despertar o desejo consciente de contato consigo, com o espaço, com os outros e com o tempo, por meio da consciência perceptiva de si mesmo. Tem a capacidade de reconhecer e resignificar os movimentos e atitudes. Desejar e trabalhar para viver melhor, aceitar a incompletude, a imperfeição. Mudar e acolher o que não pode ser mudado e trabalhar o que pode ser mudado. Esta é a evidência do poder da potência do corpo no movimento vida. A percepção pode ser educada.

2 - SUJEIÇÕES BIOPOLÍTICAS DOS CORPOS CONTEMPORÂNEOS

Abordamos uma época em que, esfumando-se os antagonismos da guerra fria, aparecem mais distintamente as ameaças principais que nossas sociedades produtivistas fazem pairar sobre a espécie humana, cuja sobrevivência nesse planeta esta ameaçada, não apenas pelas degradações ambientais, mas também pela degenerescência do tecido das solidariedades sociais e dos modos de vida psíquicos que convém literalmente reinventar. A refundação do político deverá passar pelas dimensões estéticas e analíticas que estão implicadas nas três ecologias: do meio ambiente, do *socius* e da psique. (GUATTARI, 2012, p.32)

Aprender a reconhecer a responsabilidade dos corpos humanos, na criação da realidade cotidiana é o nosso desafio neste milênio. Compreender, que as mesmas práticas de colonização, dominação, escravidão e lobotomia - que outrora eram brutas e óbvias chegaram até o século XXI travestidas de refinamento assustador: lobotomia asséptica.

A experiência com o ser humano, revela que a transformação na produção da realidade coletiva, só será possível, por meio do estímulo as sementes da conscientização do e pelo movimento dentro do coração de cada pessoa que habita o Planeta Terra. É o primeiro passo. Função que poder ser capacita no interior do cenário escolar.

Aprender, durante o tempo da educação básica e fundamental, a perceber a pele do corpo humano como lugar, topografia, território, superfície que pode ser mapeada; Espaço que dobra e desdobra, delimita o continente da vida contrita no corpo marcado por códigos, hieróglifos, inscrições biopolíticas, capazes de descortinar o ponto que os jogos humanos de poder alcançaram, é relevante.

Observemos o planeta Terra com seus mais de sete bilhões de corpos humanos produtores de desejos. Imaginemos as peles estendidas, o sentido tátil (somestésico) compondo territórios sensíveis evidenciados na superfície. Enquanto isso, no oculto, os buracos, as cavidades - olhos, ouvidos, narinas, bocas, esfíncteres - abertos em intercomunicação com o fora e o dentro, simultaneamente.

No redondo mundo insuflado de hiperestímulos que entram involuntária e inconscientemente por todos os órgãos dos sentidos, rodamos na era da captura das cavidades. Os corpos biopolíticos são compostos na teia sensório-motora do

desejo desembestado. Pensamos no refinamento desta forma de colonização das cavidades e a comparamos a uma grande “teia de chicletes”. O desejo desembestado e inconsciente move a engrenagem do capital.

Os hiperestímulos estão por toda a parte. Nos sabores exacerbados dos alimentos contaminados por glutamato de sódio que dilatam as papilas gustativas, incentivando a boca a comer mais e mais, em busca do sabor. Nos gases tóxicos, legitimados na poluição desenfreada emitida pelos meios de transporte. Nas propagandas e publicidades que invadem os olhos para onde quer que se olhe, incentivando a vontade de ter, a querer comprar mais e mais “coisas”. “Coisas” para suprir o poço sem fundo da imagem corporal. Os hiperestímulos estão no barulho exacerbado das máquinas e dos aparelhos eletrônicos usados abusivamente, sem qualquer código de ética comportamental coletiva dentro dessa relação. E os ouvidos... Não podemos fechar.

Considerando que o sistema nervoso humano é sensório-motor, a captura insidiosa do capital se revela ainda mais cruel, pois para vender a todo custo, se apropria dos hiperestímulos. Valem-se de estratégias que adentram as cavidades do corpo humano, o oculto dos órgãos dos sentidos hiperestimulados, colonizados, capturados e dominados. Quase automaticamente, o sistema motor responde com o movimento reflexo: consumir. Pratica-se então o consumo desenfreado dos produtos hiperestimulantes (supérfluos e descartáveis) que, por sua vez, diariamente são promovidos pelas máquinas da propaganda.

Do mesmo modo que a mão, ao encostar-se à chapa quente, responde ao estímulo sensório com o ato reflexo motor, os sentidos hiperestimulados pelas vias aferentes do desejo respondem arco reflexamente, por meio do movimento comprar/ consumir... Como é difícil frear a engrenagem!

A produção pela produção, a obsessão pela taxa de crescimento, quer seja no mercado capitalista ou na economia planificada, conduzem a absurdidades monstruosas. **A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo.** (GUATTARI, 2012, p33)

Filosofando sobre a superfície estendida da pele concebida como continente tátil, mapa, território, cartografia passível de invasões bárbaras, marcas, vivências no

limite do nada, se nos basearmos na evidência a que são submetidos os corpos, poderíamos considerar a sua condição contemporânea como descartável.

A evidência contemporânea do corpo descartável revela-se nas cidades quando uma pessoa se torna refém dos hiperestímulos. Anda pela rua açoitada por estímulos que invadem as cavidades, vindos de todas as direções.

Andar pela rua percorrendo os trajetos entre espaços consiste em submeter o corpo a absorver gases poluentes, buzinas, gritos, uivos, palavrões, empurrões, propagandas, ofertas, produtos, consumo, consumo, consumo... Expor-se a pressa e ao sentimento de urgência, muitas vezes atrás do “nada”. O corpo é hiperestimulado a se defender, lutar e fugir, pois constantemente “paira” a ameaça imaginária do medo de que carros podem machucar, assim como pessoas. Precisamos estar sempre alertas. As ruas por onde transitamos, sem perceber que transitamos, deveria ser um espaço democrático de convivência onde as pessoas desfrutassem da arte do encontro e da cidadania com os outros corpos. No entanto, chegamos ao ponto de sequer podermos desfrutar do ato de transitar por elas, livremente. Somos constantemente capturados por dosagens ululantes de hiperestímulos. Vagamos ignorantes do fato de que nos afetamos mutua e constantemente, uns com os corpos dos outros, na ilimitada produção de ações e reações.

3 – DANÇA NA EDUCAÇÃO

Observamos que, no decorrer do séc. XX, a obsessão pelo progresso da sociedade foi legitimada tendo a sua base alicerçada sobre o medo, a dor e o sofrimento, travestidos de pseudo-conforto sensorial. A dominação do corpo pela simulação do medo é abusiva, primeiramente por ignorar o sistema nervoso sensível, para em seguida capturar os sentimentos humanos, tornando-os o buraco sem fundo gerador do capital que pro-move os hábitos de vida contemporâneos. O ato hipócrita de inicialmente ignorar o corpo sensível, para em seguida capturar e explorar o corpo enquanto órgão sensível manifesta-se por múltiplos meios que massacram os corpos tornando-os anestesiados no cotidiano pelo uso abusivo de

recursos como os hiperestímulos impostos nas cidades, imunes a leis de controle. Para os mesmos não há limite e nem código de ética.

Ao longo de anos e anos o paradoxo se repete. O corpo é encaixado em formas de condicionamentos criados para permitir, justificar e repetir a anulação da potência da Vida. Caracterizando a dominação por meio do deslocamento da potência do corpo, da ação no presente para o passado e o futuro. Nesta forma vigente de captura o uso do poder biopolítico, insufla a culpa colada nos conflitos do passado edipiano e na utopia do futuro, que promete ao sujeito vir a ser alguma coisa, que ele ainda não é. O resultado é a captura do momento presente. Esta forma de captura desapropria a potência dos corpos, constituindo uma das ferramentas de controle da apatia armada.

Mesmo com tantos recursos criados a partir da evolução do neo-córtex e do polegar opositor - recursos que abrangeram a devastação de toda e qualquer forma de vida considerada inferior (com ênfase no racionalismo) - até ideais que passam pela sacralização e banalização da vida, culminando nas revoluções – observamos que a obsessão pelo poder alicerçada na ignorância e na ganância alinhava as ações dos corpos nos elaborados programas de subserviência. Programas que ditam e impõem as verdades sobre o corpo - do cotidiano escolar à saúde e a doença. As ações revelam a inversão dos valores das necessidades básicas do corpo: cuidado com alimentação, moradia, amor, trabalho digno, tempo e espaço para SER.

Sabemos que a repetição da mentira, acaba por maquiagem a verdade. A engrenagem das falsas assistências a saúde e a educação desmerece o corpo, que é a morada, veículo e instrumento da vida na Terra. Desapropria o direito do corpo saber sobre si mesmo. A engrenagem cria um falso conceito do corpo. Este falso conceito inventou que o corpo só pode saber sobre si mesmo quando sente dor ou através de algum outro corpo, dono do poder adquirido, ou então por meio do estudo, da religião, da política, da especialização. A estes é outorgada a capacidade de informar sobre “como está” o seu corpo, o que está acontecendo, assim como o que é bom ou ruim para o mesmo.

Os trâmites do biopoder agem nos serviços de necessidades básicas prestadas a população. Na cultura e na educação alfabetizam por meio da cartilha que insiste em afirmar que o ser humano não sabe, não deve saber e não é capaz de aprender sobre si. A educação racional pelo pensamento ainda ignora o corpo como instrumento direto de aprendizagem, criando o “analfabetismo” do corpo.

Adentramos um novo milênio, mas a formatação vigente carrega o ranço das formas de vida que foram descobertas, possivelmente incríveis, até o século XX, mas que geraram o mundo globalizado, pequeno e hostil de hoje. Agora precisamos torná-lo mais aconchegante e, portanto, endossamos Guattari:

Não se pode conceber resposta ao envenenamento da atmosfera e ao aquecimento do planeta, devidos ao efeito estufa, uma estabilização demográfica, sem uma mutação das mentalidades, sem a promoção de uma nova arte de viver em sociedade. Não se pode conceber disciplina internacional nesse domínio sem trazer uma solução para os problemas da fome no mundo, da hiperinflação no terceiro Mundo. Não se pode conceber uma recomposição coletiva do *socius*, correlativa a uma ressingularização da subjetividade, a uma nova forma de conceber a democracia política e econômica, respeitando as diferenças culturais, sem múltiplas revoluções moleculares. Não se pode esperar uma melhoria das condições de vida da espécie humana sem um esforço considerável de promoção da condição feminina. O conjunto da divisão do trabalho, seus modos de valorização e suas finalidades devem ser igualmente repensados. (GUATTARI, 2012, p. 32)

Cabe a nós a tarefa de trabalhar com os instrumentos possíveis para ressignificar as velhas heranças da escravidão, colonização, captura, sujeição e redução da potência dos corpos - tão usadas e abusadas no milênio passado. A filosofia prática baseada na ética pode pesquisar e propor estratégias de ressignificação de uma Pedagogia capaz de considerar a complexidade do corpo humano com o devido respeito que merece, sendo capaz de atender as atuais necessidades que configuram a vida no século XXI.

Consideramos que o corpo é de quem “tem” corpo. O corpo como órgão sensível que sente, percebe, expressa, cria e pensa - pode e deve ser respeitado e conhecido por todos que têm corpo. Desenvolvendo a percepção de si em extensão com a percepção do mundo, educando a percepção de si, ampliando nesta atitude a constituição da consciência. Nesta base criando uma nova realidade planetária calcada na conscientização do e pelo o movimento humano que nos tempos atuais, com certeza, é o que mais falta entre nós, pessoas da Terra. Solapando-nos na

eminência de um grande caos criado pela inconsciência e ignorância dos seres humanos na sua relação com a biodiversidade.

O Corpo é a nossa casa, nosso veículo, nosso instrumento, nosso templo - por meio do qual nascemos, crescemos, dormimos, acordamos, amamos, procriamos, trabalhamos e um dia morremos.

Vocês não acham estranho aprendermos e decorarmos tantas teorias na escola e ignorarmos a vivência prática da aprendizagem do óbvio: - O que é o nosso corpo? Como funciona? Do que é capaz? Como deve ser cuidado? Como lidar com tudo que o corpo produz e manifesta? (desejos, sonhos, imaginação, emoções, pensamento).

Você já observou que, com exceção da natureza, tudo que se encontra no mundo, em algum momento, estava dentro da cabeça de alguém, que com a força da sua intenção imaginou aquela coisa e a materializou? Tudo que observamos no mundo estava “dentro” do corpo de alguém - a começar pelos nossos próprios corpos.

Por isso é tão grave ignorar o corpo. Ignorar a aprendizagem sobre, com, do e no corpo. A possibilidade do desenvolvimento e educação da percepção de si e do mundo merece fazer parte do currículo básico agora, para podermos construir um novo futuro.

A dança na escola embasada na Conscientização pelo Movimento (Angel Vianna) e na Psicopedagogia Perceptiva (Danis Bois) não propõe formar bailarinos. A dança na escola nada tem a ver com aprender a dançar coreografias – o que até poderá se tornar uma possibilidade, mas não é o objetivo. A inclusão da dança na escola dilata a palheta de cores das possibilidades de ensino-aprendizagem com o corpo, no corpo e do corpo inteiro. De acordo com a Mestre Angel Vianna (2009): “Primeiramente é preciso saber que temos um corpo”.

Portanto, na qualidade de professores de dança frutos dessa linhagem, primeiramente disponibilizamos ao aluno o contato com o seu próprio corpo. A partir desta descoberta, ver, ouvir, escutar, sentir, tocar, pisar, deitar, sentar, levantar,

andar, mover, perceber o mundo em si e no mundo. Denominamos esta prática de “Conscientização pelo Movimento”. Prática capaz de ampliar a consciência por meio da transmutação dos estados inconscientes. Prática capaz de proporcionar espaço-tempo para o ensino-aprendizagem do, no e pelo corpo físico, emocional, mental, social, criativo, intuitivo. A dança na escola, muito mais do que formar bailarinos, tem como proposta a inclusão de práticas, técnicas, métodos e sistemas de ensino-aprendizagem advindos das linhas de pesquisa que compõe a educação somática, promover a interface ensino-aprendizagem por meio do corpo inteiro, inserido no currículo básico. A proposta é incluir a Educação Somática, a partir da integração dos saberes científicos, artísticos e pedagógicos, favorecendo a ampliação da “palheta de cores” em prol, das possibilidades desenvolvimento da consciência. A proposta é adentrar o cenário escolar com a Psicopedagogia Perceptiva, capaz de propor práticas de conexão com o corpo, autoconhecimento, meditação, conscientização pelo movimento que começa na escuta do corpo, reconhecimento dos tecidos que o compõe e se rizoma para a criação de realidade no mundo.

A inserção da dança na escola, neste contexto, é movimento de encontro com a potência do corpo propriamente dito. Dançar movimenta os corpos físico, mental e emocional do Ser que começa a “acordar”, ao se sentir e se perceber. Neste acordar, o Ser começa a tomar consciência da sua vida, ações, atitudes, emoções e criações no mundo. A partir deste contato, pode se tornar responsável pelo seu imaginário, conhecendo sua subjetividade e mecanismos. Pode aprender a lidar consigo, considerando o constante movimento. Pode aprender a se transmutar. Ao aprender sobre si e se reconhecer, no movimento do corpo físico, emocional e mental, pode aprender a lidar criativamente também com as situações no mundo. Pode aprender a encontrar soluções criativas e lúdicas que desdobrem a potência do corpo para além da dor, da culpa e da miséria humana. Pode aprender a cultivar as sementes no jardim do coração, aprendendo desde a infância, na lida diária, a acolher e dançar seu conteúdo sombrio. O ser acordado por meio da semente da conscientização pelo movimento pode escolher a sua ação no mundo e se responsabilizar pela mesma.

Neste milênio é importante a capacitação de educadores capazes de ensinar de dentro dos seus corpos, as crianças, adolescentes e adultos a reconhecerem a anátomocinesiofisiologia perceptiva do corpo. Gradativamente, com a mudança de perspectiva da educação pelo Pensamento do corpo para a educação do Movimento do corpo, vamos ressignificar a Pedagogia, construindo o conhecimento a partir da conscientização do e pelo o movimento. Juntamente com esta ação de conhecimento da anátomocinesiofisiologia do corpo pelas pessoas, abrimos espaço para o poder de escolha sobre o que colocar e como usar os seus orifícios, conscientemente considerando tudo que entra e sai pelos mesmos.

Somente por meio da conscientização do movimento em cada pessoa é que poderemos mudar a realidade das estatísticas que hoje tanto nos assustam. Poderemos assim nos capacitar para reconhecer que as vivências do corpo são matéria interessante para a escola. Valorizar e ocupar esse espaço com conteúdos que verdadeiramente possam potencializar as pessoas. A sala de aula é o quesito da Pedagogia que mais urgentemente precisa de ressignificação como espaço para estudos, desenvolvimentos e experiências das práticas do SER.

Chegou a hora, educadores, de compreendermos a escola como o espaço possível para acolher o desenvolvimento do SER, e esta mudança de paradigma depende de cada um de nós.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **HOMO SACER – O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENTO, Enamar Ramos Neher. **Angel Vianna: a pedagoga do corpo**. UNI-RIO. Programa de pós-graduação. Mestrado e Doutorado em teatro. Tese de doutorado. Agosto de 2004.
- BORGES, Hélia Maria Oliveira da Costa. **Sobre o movimento: o corpo e a clínica**. 2009. 200f. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.
- CALANZANS, Julieta, CASTILHO, Jacyan, GOMES, Simone. **Dança e Educação em Movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CAPRA, Frijot. **A Teia da Vida - Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose – um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- IMBASSAÍ, Maria Helena. **Sensibilidade no cotidiano – Conscientização corporal**. Rio de Janeiro: UAPÊ. 1996.
- LENT, Robert. **Cem bilhões de neurônios - Conceitos Fundamentais de Neurociências**. São Paulo. Atheneu, 2005.
- MONTAGU, Ashley. **TOCAR: O significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortes, 2000.
- MORIN, Edgar. **O paradigma perdido a natureza humana**. Portugal. Publicações Europa América, 2000.
- RESENDE, *Catarina*. **“O que pode um corpo?” A Metodologia Angel Vianna de conscientização do movimento como instrumento terapêutico**. Physis: Revista de Saúde Coletiva. Physis, vol. 18, número 3. Rio de Janeiro. Setembro de 2008.
- SALDANHA, Suzana. **Angel Vianna: Sistema, método ou técnica?** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.
- TEIXEIRA, Leticia. **Conscientização do movimento – Uma prática corporal**. São Paulo: Caioá, 1998.

TEIXEIRA, Leticia. **Inscrito em meu corpo: Uma abordagem reflexiva do trabalho corporal proposto por Angel Vianna.** UNI-RIO. Programa de pós-graduação. Mestrado e doutorado em teatro. Dissertação de mestrado. Abril, 2008.

VIANNA, Klaus. **A DANÇA.** São Paulo: Summus, 2005.